

Menor -
Violência
Infantil

AJ0503D-1

Reportagem Especial

MAUS-TRATOS

Justiça tira 858 menores dos pais

São crianças e adolescentes levados para viver em abrigos após serem vítimas de violência doméstica e abandono

Michelli Possmozer

O lar, que deveria ser lembrado como um ambiente de proteção e amor, tornou-se um trauma na vida de muitas crianças e adolescentes.

Atualmente, 858 menores de zero a 18 anos vivem em casas de acolhimento no Estado porque foram tirados de casa pela Justiça, segundo dados do Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJ-ES).

A motivação para a decisão judicial deu-se em função da violência doméstica vivida por essas crianças e adolescentes, na maioria dos casos, cometida pelos próprios pais.

Alguns casos chocam em função da atrocidade e, mesmo que os agressores sejam punidos, o emocional da criança já foi abalado. Um menino de 8 anos, que morava em um bairro de Cariacica, foi uma das crianças que teve a infância interrompida pelo próprio pai.

A polícia descobriu, no último dia 29 de abril, que o menino era estuprado pelo pai, um pedreiro de 39 anos, que acabou preso. A criança já é fruto de um estupro, pois nasceu de uma relação sexual for-

çada do pedreiro com a sua enteada, uma adolescente de 14 anos. Os dois menores foram levados para um abrigo, no município.

Segundo o comissário da Vara da Infância e da Juventude de Vila Velha, Alexandre Latorraca, há muitos casos de maus-tratos. "Já recebemos denúncias de bebês que estavam desnutridos, pois não recebiam os cuidados dos pais usuários de crack".

O juiz da Vara da Infância e da Juventude de Vitória, Paulo Luppi, afirmou que o acolhimento é feito quando todos os recursos de proteção ao menor já foram esgotados.

"A criança vai para o abrigo, mas é feito um trabalho social para que ela volte para o seio da família. Contudo, há casos em que nenhum parente quer a guarda".

Para a coordenadora das Varas da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJ-ES), juíza Janete Pantaleão, o número de menores em situação de violência doméstica pode ser maior. "Em muitos municípios, principalmente no Norte do Estado, crianças continuam em casa por falta de vaga em abrigos".

“A criança vai para o abrigo, mas ainda é feito um trabalho social para que ela volte para o seio da família”

Paulo Luppi, juiz

IRMÃOS ABANDONADOS



RODRIGO GAVINI/AT

Sozinhos em casa para a mãe ir ao bar

Quatro irmãos – dois gêmeos de 5 anos, um menino de 6 anos e outro de 9 anos – foram retirados pela Justiça da mãe, após denúncias de vizinhos, há cerca de sete meses.

As crianças foram resgatadas pelo Conselho Tutelar da Serra du-

rante a madrugada, momento em que estavam sozinhas porque, segundo a denúncia, a mãe havia saído para ir ao bar beber.

Hoje, os quatro irmãos vivem em um abrigo, na Serra, e aguardam uma família para adotá-los.

Segundo um conselheiro tutelar, durante uma audiência para tentar devolver os meninos à mãe, ela teria dito ao juiz: "Quer dizer que só porque eu sou mãe não posso tomar minha cervejinha?", disse a mãe, que também é viciada em drogas.

Delegado diz que já são 888 denúncias este ano

Já foram registrados 888 boletins de ocorrência na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), este ano, segundo o assessor de Relações com a Comunidade da Secretaria de Estado da Segurança Pública (Sesp), delegado Sérgio Almeida de Mello.

Entre as denúncias, estão os crimes de violência doméstica, abuso sexual, ameaça, maus-tratos, lesão corporal, entre outros. De acordo com Mello, a maior parte dos crimes praticados contra menores ocorre no convívio familiar. No ano passado, foram registra-

dos 2.451 boletins de ocorrência, sendo que em 2011, foram 2.821 denúncias, o que indica uma redução no número de ocorrências.

Para o delegado, o trabalho da polícia e do governo tem sido mais rigoroso nos crimes contra menores, no entanto, apenas punir não é a solução.

"O que a gente atinge no ambiente da polícia e da Justiça são os efeitos, mas as causas precisam ser tratadas. Para reduzir os crimes, é preciso que haja um assistência maior às famílias onde ocorre essa violência, porque os próprios agressores são carentes de políticas públicas", acredita Mello.

ONDE DENUNCIAR

No Estado

- > DISQUE 100: para denúncias de violência contra crianças.
- > DISQUE 180: emergências policiais.

Na Grande Vitória

- > DPCA - Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente. Telefone: 3132-1916
- > JUIZADOS dos municípios.

Serra lidera casos

Majoria disponível para adoção é adolescente, de 12 a 15 anos

CRIANÇAS E ADOLESCENTES QUE VIVEM EM ABRIGOS NO ESTADO

MUNICÍPIO	ABRIGOS	CRIANÇAS
Vitória	10	98
Vila Velha	7	75
Serra	9	103
Viana	1	23
Cariacica	4	78
Outros	62	481
Total	93	858

132 estão aptos para a adoção

758 pessoas estão na fila para adotar

Faixa etária das crianças

0 a 3 anos	2
3 a 6 anos	7
6 a 9 anos	11
9 a 12 anos	23
12 a 15 anos	44
15 a 18 anos	36
18 a 21 anos	9

Dados atualizados até o último dia 14

Fonte: Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJ-ES)

Registro de boletins de ocorrência na DPCA

EM 2011
2.821
BOLETINS

EM 2012
2.451
BOLETINS

EM 2013
888 BOLETINS
160 foram referentes a abuso sexual

Obs: Estatística até 15 de maio deste ano

RANKING

Estupro	18%
Violência doméstica	17%
Ameaça	12%
Lesão corporal	11%
Maus tratos	6%

OUTROS

(abandono, injúria, calúnia, entre todos os outros crimes, exceto homicídio e tentativa de homicídio) 36%

Obs: Percentual referente aos números de janeiro a junho de 2012.

CASOS DE AGRESSÃO

Internado após surra a pauladas

Um menino de 10 anos ficou internado depois de ter sido espancado pela tia, no dia 2 de outubro do ano passado, no bairro Soteco, em Viana.

Na ocasião, a tia foi presa e contou à polícia que a mãe do menino teria oferecido a ela R\$ 2 mil para que ela matasse a criança. Quando tinha 8 anos, ele foi abandonado pela mãe no Terminal de Campo Grande, em Cariacica.

Espancada com fio de cobre

Uma adolescente de 16 anos levou uma surra com um fio de cobre do padrasto, um técnico em eletrônica, de 42 anos, no dia 1º de outubro do ano passado, no bairro Portal de Jacaraípe, na Serra.

A agressão aconteceu porque a adolescente namorava um rapaz que usava brinco e o padrasto dela não concordava. Na época, o agressor foi autuado, mas pagou fiança.



DELEGADO Sérgio Mello: rigor

Reportagem Especial

MAUS-TRATOS

“Minha mãe bebia e me batia muito”, diz menina

Tímida e com olhar triste, uma menina de 9 anos contou que ainda não sabe o dia e o mês em que nasceu. A própria criança, que vive em um abrigo na Serra, revelou o motivo: “Nunca tive uma festa de aniversário”.

A menina vive no abrigo com os dois irmãos – de 2 e 6 anos – porque os três foram encontrados pelo Conselho Tutelar do município sozinhos em casa, após denúncias de vizinhos, há cerca de três meses.

Eles haviam sido abandonados pela mãe há dias. Já o pai, embora morasse com as crianças, também não estava em casa, pois passava dias longe da família por causa do vício em jogo.

Durante uma visita da reportagem de **A Tribuna** ao abrigo – que não está sendo identificado para preservar as crianças – a menina contou que, além do abandono, sofria constantes agressões. “Minha mãe bebia, usava drogas, e me batia muito”, revelou.

A TRIBUNA – Por que você está aqui?

MENINA – Eu vim pra cá porque tava sozinha dentro de casa com meu irmão, de 2 anos, e minha outra irmã, de 6 anos.

> Por que ficou sozinha?

Porque minha mãe falou que iria levar meu outro irmão de 12 anos ao médico. Só que ela não voltou.

> E o que você fez?

Eu fiquei cuidando deles. Eu dava banho neles, dava mamadeira pro meu irmãozinho...

> E o seu pai?

Meu pai saiu também. Falou que iria pagar o aluguel, mas ele não voltou. Ele nem sabe que eu estou aqui.

> Quem achou vocês em casa?

Umas pessoas chegaram, depois de uns cinco dias, eu acho. Aí veio a polícia e levou a gente ao hospital em Carapina para tentar achar minha mãe, mas ela não estava lá.



FOTOS: RODRIGO GAVINI/AT

MENINA DE 9 ANOS foi abandonada com irmãos e cuidou deles por 5 dias

> Você queria achar sua mãe?
(balança a cabeça, apontando que não)

> Por quê?
Ela me batia. Ela sempre saía e

“Ela (mãe) me xingava de um monte de palavrão. Eu não era feliz. Ela saía sábado e domingo e só voltava no outro dia.”

me deixava e, todo dia meu pai ia para o bingo. Minha mãe bebia, usava drogas, e me batia muito. Ela me xingava e jogava coisas em mim o tempo todo.

> De que ela te chamava?

Ela me xingava de um monte de palavrão. Eu não era feliz. Ela saía sábado e domingo e só voltava no outro dia. Não gosto da minha mãe.

> E hoje, você está feliz?

Sim, mas eu quero uma família. Quero ser adotada. Quero que meus irmãos fiquem comigo.

Juíza revela que 70% dos casos são de pais viciados

A dependência química dos pais é o principal motivo que leva a Justiça a determinar que a criança ou adolescente seja retirado do convívio familiar, de acordo com a coordenadora das Varas da Infância e Juventude do Tribunal de Justiça do Espírito Santo (TJES), juíza Janete Pantaleão.

“São motivos diversos, mas 70% dos casos em que a criança ou adolescente precisa ir para um abrigo é porque o pai ou a mãe faz uso abusivo de álcool ou drogas”.

Ainda segundo a juíza, em segundo lugar estão os casos de agressão física, mas em muitos deles também se observa a influência do álcool ou drogas. “Claro que existem os pais que são violentos por natureza, no entanto, num segundo momento, alguns batem motivados pelo vício”, declarou.

Já a terceira motivação para que os menores sejam levados para abrigos é o abandono. Segundo Pantaleão, há casos em que os pais saem de casa e deixam os filhos sozinhos ou até de mães que deixam os bebês nas ruas, mas ela ressaltou que essa prática tem diminuído.

“Há alguns anos, era pior, pois vários bebês eram encontrados em caixas de papelão. Mas hoje, a maioria das mães tem o conhecimento de que entregar o filho em local seguro, como hospitais e nos juizados, não é crime”.

Para a juíza, é preciso aplicar a lei que pune os agressores e políticas públicas. “A execução da lei é frágil. A pessoa que larga um filho e sai para beber precisa de cadeia, mas também de assistência para sair do vício. Não é só com punição que se resolve”.

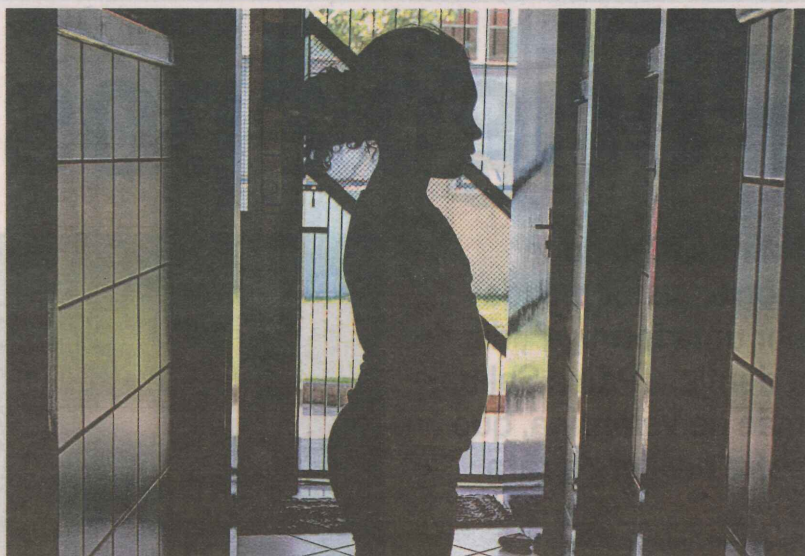
BOA AÇÃO



Doações para abrigo em vez de presentes

O casal de empresários Carlos José Magri, 67 anos, e Maria Luzia Ribeiro Magri, 66, fez a festa de 40 anos de casamento, no último dia 3, e pediu aos convidados fraldas e leite em pó no lugar de presentes, para serem doados a abrigos. “Doar é melhor que receber”, disse Luzia.

OUTROS CASOS DE ABANDONO



“Meu sonho é ter uma família”

Vivendo em um abrigo da Serra há cerca de três meses, uma menina de 10 anos revelou o sentimento que sente pela mãe: “Gosto dela mais ou menos, porque ela me batia. E ela nunca fez minha festa de aniversário”, disse.

A menina foi encontrada por volta das 20 horas, correndo em uma rua da Serra, por uma pessoa que passava de carro. Ela fugiu, após sofrer agressões em casa. Hoje, ela revela o seu maior desejo: “Meu sonho é ter uma família que cuide de mim.”



Mãe tenta matar filha

Em dezembro do ano passado, uma mãe foi presa após ser flagrada por câmeras tentando afogar a própria filha de 2 anos dentro de um vaso sanitário, em um shopping, na Serra. Hoje, a menina de 3 anos vive em um abrigo e tem trauma da figura feminina.

Sofrimento ao nascer

Um bebê de 5 meses, que hoje vive em um abrigo da Serra, foi retirado da mãe, que era viciada em drogas, ainda na maternidade.

Por conta do uso de drogas da mãe na gravidez, nos primeiros meses, o bebê teve crises convulsivas e precisou fazer tratamento.



Filho em boca de fumo

O conselho tutelar resgatou um menino de 2 anos, em novembro do ano passado, de uma mãe viciada em crack. A criança, que hoje vive em um abrigo, na Serra, foi encontrada na rua com a mãe, que levava o menino à boca de fumo quando ia comprar drogas.

ANÁLISE

“O abandono infantil tem raízes históricas”

Maria Angela Rosa Soares
Socióloga e professora da UVV

“A negligência materna ou paterna não é fato novo. O abandono infantil tem raízes históricas, no entanto, é uma questão que tem se acentuado na atualidade.

O individualismo e o imediatismo, características da contemporaneidade, levam a crer que a vida é uma eterna festa e que os prazeres devem ser vivenciados sem limites e, para satisfação dos prazeres, ignora-se a responsabilidade que os papéis sociais exigem.

Nesse contexto, o abandono dos filhos não é visto como um problema, pois a tendência é que exer-

guem apenas os direitos individuais de “curtir a vida”.

Alguns estudos apontam que mães com histórias de negligência na infância tendem a reproduzir o abandono na vida adulta.

Há, inclusive, mulheres que não têm o desejo de ser mãe, mas a cobrança social faz com que assumam esse papel. Assim, o ideal é que se conheça a história de vida das mães porque, em geral, elas também precisam de ajuda e, ajudando as mães estaremos protegendo os filhos.”